

Aspectos articulatórios e fonológicos envolvidos na aquisição da linguagem de uma criança de 5:1 anos: um estudo de caso

Articulatory and phonological aspects involved in the language acquisition of a 5:1 years old child: a case study

Aline Resende Pereira Marinho

Universidade Federal de Ouro Preto – Ouro Preto – Minas Gerais – Brasil

Adelma Lúcia de Oliveira Silva Araújo

Universidade Federal de Minas Gerais – Belo Horizonte – Minas Gerais – Brasil

Margareth de Souza Freitas Thomopoulos

Universidade Federal de Ouro Preto – Ouro Preto – Minas Gerais – Brasil



Resumo: Neste estudo avalia-se a fala de uma criança (5:1), por apresentar indícios de desvios fonológicos. O sujeito em questão encontra-se na fase inicial de aquisição da linguagem escrita, e uma das preocupações existentes é quanto ao prejuízo que seu possível desvio pode trazer para o processo de ensino-aprendizagem da escrita. Para a realização da pesquisa, primeiramente, foram colhidos dados de oitiva e, em seguida, foi realizada a gravação da fala em áudio e vídeo, utilizando-se o programa Camtasia 7.0. O procedimento utilizado para a coleta da fala da criança foi a chamada “nomeação espontânea”, com base no instrumento “AFC – Avaliação Fonológica da Criança”, de Yavas, Hernandorena e Lamprecht (2001). Os resultados, advindos da análise qualitativa dos dados, indicaram que o sujeito já possui o inventário fonético completo da língua portuguesa falada em sua região. Contudo, a sistematização do uso dos sons da língua com fins fonológicos é ainda insuficiente.

Palavras-chave: Aquisição com desvios; Consciência fonológica; Avaliação fonológica; Análise linguística; Camtasia

Abstract: In this study it is evaluated a child’s speech (5:1) that presented signs of phonological deviations. The child in question is in the stage of beginning of the process of literacy, and one of our concerns is related to the deficit that the possible deviations may cause in the child’s literacy process. In order to achieve the purpose of this research, first of all, it was collected data by hearsay, and then the speech was recorded in audio and video, through the program Camtasia 7.0. The procedure used to collect the child’s speech is called “spontaneous naming”, based on the instrument “PAC – Phonological Assessment of Child”, proposed by Yavas, Hernandorena and Lamprecht (2001). The results, which were obtained through a qualitative data analysis, indicated that the subject has already acquired the whole phonetic inventory of the Brazilian Portuguese Language spoken in his region. However, the systematization of the use of language sounds with phonological purposes is still insufficient.

Keywords: Acquisition with deviations; Phonological awareness; Phonological assessment; Linguistic analysis; Camtasia

Introdução

Revolvendo-se a literatura sobre os desvios de linguagem, constata-se que, durante as duas últimas décadas, esse tema tem suscitado o interesse de diversos profissionais e pesquisadores envolvidos na área de estudos da linguagem, como fonoaudiólogos, linguistas, psicólogos, educadores,

dentre outros. Dessa forma, estabeleceu-se um novo campo de pesquisa interdisciplinar, a Linguística Clínica – na subárea da Fonologia Clínica – que se caracteriza por ser “uma investigação fonológica aplicada à patologia e à terapia da fala” (YAVAS et al., 2001, p. 9). Nesse novo campo, situam-se os estudos sobre o sistema de sons da linguagem com desvios.

Existem crianças cujo desvio de fala está associado a alguma patologia que prejudica a articulação, como, palato fendido, perda auditiva, problemas neurológicos etc. Há também casos em que não há fatores orgânicos identificáveis para o desvio, a não ser que seja por algum problema de organização; nesse caso, envolvendo o sistema fonológico.

Nesse sentido, a Linguística vem contribuindo muito com a Fonoaudiologia nos estudos dos chamados ‘desvios fonológicos evolutivos’, outrora considerados ‘desvios articulatórios funcionais’ por se acreditar que o problema era sempre meramente articulatório. Entretanto, depois de vários estudos, percebeu-se que, se os problemas fossem apenas na precisão articulatória, não se explicariam casos como aqueles mostrados por Mota (2001, p. 2):

(1) *saia* → [ˈtairɐ] *chave* → [ˈsavi]

As produções em (1) indicam que o sujeito não conseguiu produzir [s] em *saia*. Porém, ao tentar produzir a palavra *chave*, emitiu o fone [s]. Isso mostra que o problema está na organização fonológica da criança, pois, se fosse articulatório, ela não conseguiria produzir [s] em momento algum. A experiência da primeira autora, construída ao longo de alguns anos como professora na educação básica, levou-a a refletir sobre questões relacionadas à aquisição da linguagem. Muitos questionamentos foram feitos por essa pesquisadora em discussão com outros professores em relação ao *déficit* de aprendizagem de alguns alunos, principalmente no que se refere à percepção e à produção de alguns sons da fala em sala de aula. Diante da detecção de alguns casos desse tipo, uma criança foi selecionada (o sujeito G), com essas características mais evidentes. A ideia de desenvolver este trabalho foi compartilhada com as outras duas autoras a fim de buscarem juntas respostas aos questionamentos.

O que instigou a pesquisa foi a dificuldade que essa criança tinha de se expressar, ora omitindo segmentos, ora trocando-os, dificultando, assim, sua expressão verbal e sua interação com a professora e com os colegas. O estudo mais aprofundado da fala desse sujeito poderia responder às questões referentes ao seu próprio aprendizado, já que essa criança apresentava uma dificuldade na percepção e na produção de alguns segmentos durante as suas tentativas de escrita. O sujeito G não conseguia produzir uma fala inteligível para as pessoas que não conviviam diretamente com ele. Questionou-se então se a fala do sujeito em foco poderia ser classificada como estando dentro dos parâmetros normais ou apresentava traços característicos de padrões com desvios.

Com o objetivo de investigar essa questão, pretende-se levantar, explicitar e avaliar a aquisição fonológica do sujeito G, do sexo masculino, natural da cidade de

Mariana-MG, estudante da rede particular de ensino daquela cidade.

1 Fundamentação Teórica

1.1 Aquisição Fonológica

Para adquirir uma língua, além do léxico (KENNEDY, 1991 apud LOCKE, 1997, p. 248), a criança precisa dominar o inventário fonético e o sistema fonológico considerados padrão (normal) em sua comunidade linguística. Considera-se padrão o inventário encontrado na média do falante adulto da comunidade. Porém, pode ocorrer muitas vezes de alguma criança já ter o inventário fonético completo e mesmo assim apresentar problemas quanto ao emprego adequado da organização do sistema fonológico de sua língua.

Para afirmar que determinado segmento foi ou não adquirido pela criança, em uma determinada faixa etária, é necessário ter um critério de proporção de acertos. De acordo com Lamprecht (2004, p. 23), isso não significa considerar um patamar de 100% de acertos pela criança, já que podem ocorrer lapsos de língua durante a produção. Diante disso, a autora apresenta uma lista de pesquisas recentes, que buscam estabelecer o perfil da aquisição fonológica, em que foram utilizados parâmetros diferenciados como critério de proporção. Nota-se que a maioria dos trabalhos citados pela autora considerou como percentual de produção correta a ocorrência de valores entre 80 e 86%, em que somente dois deles apresentaram resultados díspares – 90% e 75%. A citada autora, em suas pesquisas, assume como parâmetro de produção correta uma proporção de 80 a 86%, ou mais, de domínio pelas crianças de uma faixa etária.

Antes de se afirmar se há, ou não, um desvio fonológico na fala de um sujeito, é necessário que se tenha em mente parâmetros de normalidade como critério comparativo segundo a faixa etária do sujeito em análise.

Para compreender esta análise, levamos em conta que o sistema fonológico do português apresenta sete fonemas vocálicos e dezenove fonemas consonantais.

1.2 Desvios fonológicos

Pode-se conceituar desvios fonológicos como alterações que ocorrem na fala da criança, caracterizadas por uma produção inadequada dos fonemas de sua língua materna, bem como pelo uso inadequado das regras fonológicas do seu sistema linguístico (cf. Lamprecht (2004), Spíndola et al (2007) e Leonard (1997)).

Ao longo dos anos, vários termos foram sendo substituídos a depender do tipo de inadequação da produção quanto ao alvo adulto e quanto à idade da criança. Dessa forma, a denominação variava conforme

fosse um problema de ordem articulatória, anatômica ou funcional –dislalia, transtorno fonológico, distúrbio fonológico e desvio fonológico. Com os avanços nos estudos da área, chegou-se a uma definição mais precisa e hoje em dia alguns desses termos são tomados como sinônimos (transtorno fonológico, distúrbio fonológico e desvio fonológico)¹.

De acordo com Yavas (1990), a criança, aos 4:0-4:6, já deve ter seu sistema fonológico praticamente adquirido. Por conseguinte, a existência de supressão de processos fonológicos naturais e inatos (STAMPE, 1973), utilizados devido às limitações naturais de percepção e/ou produção e que não fazem parte do sistema da língua da criança, denominam-se Desvios Fonológicos Evolutivos. Segundo Lamprecht (2004), vale destacar aqui algumas noções fundamentais sobre o desvio fonológico: primeiro, o desvio se refere apenas ao afastamento de uma linha esperada de aquisição dos segmentos e não se deve confundir com distúrbio, pois este seria uma perturbação observada durante este processo; segundo – é um dos componentes da linguagem, e não do nível articulatório, que acomete crianças como parte do seu processo de aquisição; terceiro – embora ainda tenha causa desconhecida, hoje em dia, há muitas publicações a respeito do tema. Neste aspecto, deve-se dar destaque às relevantes contribuições dadas pelas pesquisas realizadas na área da Linguística e da Linguística Aplicada aos desvios fonológicos. A partir da análise linguística das produções das crianças e dos adultos, alguns pesquisadores, como Compton (1970), Oller (1973) Grunwell (1997), mostraram as evidências da natureza regular e previsível de alguns processos fonológicos, por exemplo, as omissões e substituições encontradas nas produções de grupos de crianças analisadas em suas pesquisas.

Grunwell (1990) estabeleceu uma comparação entre o desvio fonológico e o fonético. Sendo aquele caracterizado por uma presente desorganização, inadaptação ou anormalidade do sistema fonológico da criança em relação ao sistema padrão de sua comunidade linguística, na ausência de qualquer comprometimento orgânico; este, em contrapartida, é definido pela alteração na produção da fala, decorrente de uma deficiência orgânica, seja uma simples distorção na produção do fonema, ou resultante de patologias específicas, como fissuras, que são determinantes de distúrbios motores na produção da fala. Para Leonard (1997) e Mota (2001), o desvio fonológico pode ser caracterizado pela dificuldade da criança quanto ao domínio da fonologia da sua língua.

Neste trabalho, adota-se a caracterização clássica de desvio fonológico estabelecida por Grunwell (1990,

1997). Para essa autora, a presença da maioria dos seguintes fatores são definidores do Desvio Fonológico Evolutivo (DFE): fala espontânea quase ininteligível em idade acima de quatro anos; audição normal para fala; inexistência de disfunção neurológica relevante para a produção da fala; capacidades intelectuais adequadas para o desenvolvimento da linguagem falada; compreensão da linguagem falada apropriada à idade mental; capacidades de linguagem expressiva aparentemente bem desenvolvidas em termos de abrangência do vocabulário e de comprimento dos enunciados.

A classificação dos desvios fonológicos neste trabalho seguirá a perspectiva qualitativa, ou seja, estará baseada na inteligibilidade da fala e não em uma análise predominantemente quantitativa. Nas abordagens qualitativas, Hodson e Paden (1983) classificaram em quatro níveis os desvios fonológicos, a partir do resultado do seu estudo do sistema fonológico de crianças falantes de inglês, com desvios fonológicos, com base nos processos fonológicos apresentados por estas crianças. Quando a comunicação é realizada através de gestos, a fala é caracterizada por omissões de obstruintes e líquidas, sendo estas menos frequentes em glides e nasais, ou seja, ‘ininteligível’. Este desvio foi considerado de nível 0 (zero). O primeiro nível, ou Nível 1, denominado como “essencialmente ininteligível”, é caracterizado pelas omissões de sílabas, de consoantes simples pré-vocálicas e pós-vocálicas e por apagamentos de encontros consonantais; no Nível 2, definida pelo autor como ‘algumas vezes inteligível’, por apresentar omissões, especialmente presentes nas reduções de encontros consonantais tautossilábicos e de fonemas africados; e o último nível, o Nível 3, descrito como ‘geralmente inteligível’, por serem observadas alterações não-fonêmicas, como protrusão de língua, incluindo ambos os sigmatismos anterior e lateral.

1.3 Consciência fonológica

Com o advento da psicogênese da língua escrita (FERREIRO e TEBEROSKY, 1985), os profissionais da alfabetização passaram a incorporar em suas práticas as seguintes melhorias (cf. Barbosa, 1994):

- fica superada a visão da alfabetização como domínio de uma técnica; o processo passa a ser visto como uma aprendizagem conceitual;
- estabelece-se a distinção entre a intervenção do ensino e o processo de aprendizagem; a possibilidade de assimilação da informação veiculada depende do nível de conceituação da criança;
- o objetivo do processo é proporcionar oportunidades de uso da escrita, a fim de levar a criança à compreensão da estrutura da língua, entendida como um sistema de representação da linguagem;

¹ A esse respeito, ver o trabalho de Santana, Machado, Bianchi, Freitas e Marques (2010)

- enfatizam-se as produções espontâneas da criança, pois essas revelam como ela está utilizando a escrita; essa utilização passa por etapas reconhecíveis, antes mesmo de a criança atingir o nível denominado alfabético;
- os erros de escrita se transformam em índices que evidenciam etapas constitutivas do processo;
- o domínio ortográfico é adiado para uma fase posterior ao domínio alfabético;
- a sala de aula se transforma em um ambiente alfabetizador, proporcionando a interação constante da criança com o objeto a ser conhecido;
- determina-se um uso social (e não escolar) da escrita.

Contudo, a prática do professor, informada pelas diretrizes acima mencionadas, nem sempre foi bem sucedida, a ponto de alguns autores, como é o caso de Morais (s/d), questionarem a sua eficácia, pois, segundo ele, a didatização da teoria da psicogênese acabou por negligenciar o ensino sistemático das correspondências letra-som, acreditando-se que apenas pela vivência de práticas de leitura frequentes os aprendizes compreenderiam o sistema alfabético e dominariam suas convenções.

Nesse percurso, o desenvolvimento da chamada ‘consciência fonológica’ (a consciência que se tem da realidade dos fonemas que compõem a língua) é fundamental. Há, também, outro termo utilizado por alguns estudiosos: ‘consciência fonêmica’. No entanto, é necessário deixar aqui uma importante distinção entre esses diferentes termos: ‘consciência fonológica’ “abrange todos os tipos de consciência dos sons que compõem o sistema de certa língua. Ela é composta por diferentes níveis: a consciência fonêmica, a consciência silábica e a consciência intrassilábica.” (LAMPRECHT in ADAMS et al., 2006, p. 16). No caso da ‘consciência fonêmica’, esta se refere apenas ao nível do fonema, ou seja, a capacidade de identificar e manipular fonemas. Tal distinção pode ser visualizada no esquema que segue.

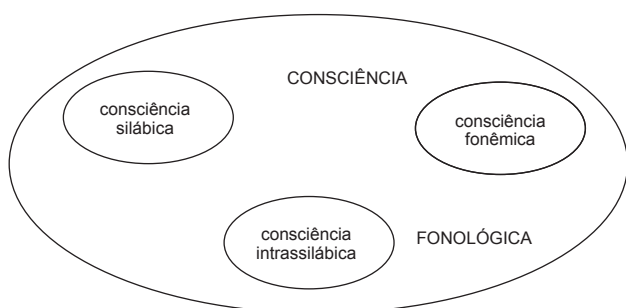


Figura 1 – Esquema sobre os níveis de consciência fonológica (LAMPRECHT, 2004).

Na perspectiva construtivista (cf. FERREIRO e TEBEROSKY, 1985), a alfabetização deve ser significativa e se deve transpor as práticas sociais da leitura e da escrita para a sala de aula. A descoberta do princípio alfabético é então uma consequência da exposição aos usos da leitura e da escrita, devendo ocorrer de modo reflexivo, proporcionando-se aos alunos oportunidades de refletir sobre situações problema em que possam revelar suas hipóteses e sejam levados a pensar sobre a escrita, cabendo ao professor o papel de facilitador dessa reflexão. Não haveria, então, necessidade de se estudar sistematicamente as relações entre som e grafia nem tampouco de se estimular o desenvolvimento da consciência fonológica, pois, quando se tem uma aprendizagem reflexiva da leitura e da escrita, a consciência fonológica se desenvolve em consequência. (cf. REGO, 2002). Esta, segundo Rego (op. cit.), é a proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais (doravante PCN'S) para o Ensino Fundamental e dos Referenciais Curriculares para a Educação Infantil.

De toda forma, parece ser unânime a opinião de Adams de que “antes que possam ter qualquer compreensão do princípio alfabético, as crianças devem entender que aqueles sons associados às letras são precisamente os mesmos sons da fala.” (ADAMS, et al., 2006, p. 19).

2 Material e métodos

Nesta pesquisa, foi avaliada uma criança (sujeito G), do sexo masculino, com idade de 5:1 (cinco anos e um mês). O sujeito G é estudante do 2º período da Educação Infantil de uma escola da rede privada de ensino da cidade de Mariana-MG.

O processo de coleta de dados deu-se, inicialmente, por meio de oitiva, quando a primeira pesquisadora era professora regente da sala em que se inseria o sujeito G. A partir do comportamento de um dos seus alunos, a pesquisadora resolveu avaliar linguisticamente seu padrão de aquisição para tentar ajudar a escola a indicar um especialista para os pais da criança. A professora detectou, de oitiva, durante as aulas, que o sujeito em questão apresentava dificuldade para se expressar de forma clara, pois sua fala, frequentemente, tornava-se ininteligível. Após reiteradas observações, a professora procurou, reservadamente, conversar com o sujeito, para perceber melhor as particularidades da sua fala e detectar se havia realmente traços ininteligíveis em sua produção. Ao verificar, nas produções da criança, que alguns segmentos eram ininteligíveis a pesquisadora fez uso do contexto de fala para compreender a mensagem. Após apresentar à escola seu desejo de analisar os dados da fala de G, de forma sistemática, teve o corpo diretivo da escola como parceiro nesse projeto, indo então ao encontro dos pais para obter autorização para a coleta de dados do menor.

Com a permissão dos pais da criança, foi realizada a primeira gravação de áudio, em uma sala da escola em que estuda o sujeito G, utilizando-se, para isto, de um aparelho de MP3 da marca *Creative* (Reg. nº CLPF1031543001264M). No momento da gravação, em uma sala de aula da escola, havia muitos ruídos, e os interlocutores eram a criança, de posse de um livro de literatura, e a sua professora/pesquisadora.

Posteriormente, ao se reproduzir a gravação, percebeu-se que fazia falta uma análise acompanhada de um vídeo, em que se pudesse observar, também, a articulação realizada pela criança, ao produzir os segmentos ininteligíveis. Por isso, foi necessária a utilização de um *software* que possibilitasse a gravação simultânea do áudio e do vídeo da criança. O aplicativo que apresentava esses recursos é o *Camtasia*.

As representações fonéticas do adulto (alvo para a criança) apresentadas neste trabalho são as que ocorrem no português falado na região central de Minas Gerais, especificamente na cidade de Mariana. Essa fala apresenta as características a seguir relacionadas:

- Palatalização de /t/ e /d/ diante de /i/ → Ex.: [tʃiv]; [dʒɪ'neru]
- Alçamento das vogais médias /e/ para /ɪ/ e /o/ para /ʊ/, em determinados contextos → Ex.: [mɪ'ninu]
- Labialização da lateral quando em posição de coda. → Ex.: [saw]
- Monotongação de ditongo → Ex.: madeira [ma'derɐ]; pouco ['poku]
- Produção da fricativa em coda como alveolar (sem a palatalização característica de outras variantes, como a carioca) → Ex.: casca ['kaskɐ]; lápis ['lapis]
- Omissão, quase categórica, do /r/ do morfema do infinitivo e do /s/ do morfema do plural no núcleo do sintagma nominal → Ex.: lavar [lɐ'va]; dois livros ['dois'livru].

Para a obtenção da produção linguística do sujeito G, optamos pela ‘nomeação espontânea’, protocolo de avaliação, que “evita repetições e assegura a possibilidade de realização de todos os fones contrastivos da língua e em todas as posições em relação à estrutura da sílaba e da palavra” (YAVAS et al., 2001, p. 13). Essa técnica de ‘nomeação’ é feita com o auxílio de desenhos temáticos que estimulam a criança a dizer o nome de seres, suas ações e características.

A transcrição dos dados, segundo o Alfabeto Fonético Internacional (IPA, 1993), foi realizada durante a avaliação e foi reavaliada posteriormente, utilizando-se a gravação digital. Os dados foram confrontados com a análise das outras duas autoras, especialistas em Fonética e Fonologia.

Os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram os propostos por Yavas, Hernadorena e Lamprecht (2001). Cinco desenhos temáticos que focalizam banheiro, sala de estar, cozinha, zoológico e veículos estimulam a produção de 125 palavras, que formam a lista da AFC, oportunizando, também, a produção de mais dados na forma de narrações e descrições. Essas palavras foram escolhidas de forma a serem capazes de apresentar: 1. uma representação equilibrada do sistema fonológico adulto; 2. mais de uma ocorrência dos mais diferentes tipos de alvos possíveis e 3. sons em diferentes posições nas palavras e em palavras distintas quanto à estrutura silábica e quanto ao número de sílabas.

Nesta avaliação, são consideradas quatro posições em relação à estrutura da sílaba e da palavra: início de sílaba e início de palavra (doravante ISIP), início de sílaba dentro da palavra (doravante ISDP), final de sílaba dentro da palavra (doravante FSDP) e final de sílaba em final de palavra (doravante FSFP). Este exame tem seu foco nos desvios fonológicos de crianças, de acordo com Ferrante (2007).

A metodologia de análise dos dados foi baseada nos fundamentos da ‘análise contrastiva’. Através deste tipo de análise é possível detectar um desvio fonológico, pois tem como princípio básico a comparação do sistema da criança com o sistema padrão, que é o alvo a ser adquirido, para conseguir comunicar-se adequadamente. No entanto, essa comparação não é feita entre os tipos de pronúncias individuais dos falantes, mas entre as formas de organização dos sistemas fonológicos da criança e o padrão de sua comunidade linguística. São avaliados então o inventário fonético e o sistema de fones contrastivos (sistema fonológico) do sujeito.

Com base na região em que este trabalho foi realizado, ou seja, região central do estado de Minas Gerais, considera-se o inventário fonético padrão o que se apresenta a seguir.

Tabela 1 – Quadro Fonético da Região central de MG

Ponto	Modo					
	Labial	Dent/Alv	Pal-Alv	Palatal	Velar	Glotal
Oclusiva	p	t			k	
	b	d			g	
Fricativa	f	s	ʃ		x	h
	v	z	ʒ		ɣ	ɦ
Africada			tʃ			
Nasal			dʒ			
Líquida	Lateral	m	n		ɲ	
			l		ʎ	
	Não lateral		r			
Glide	w			y	w	

As seguintes observações se fazem necessárias no que tange a esse inventário: (i) embora o instrumento AFC considere a realização da líquida não-lateral, [R], em posições FSDP e FSFP, esta possibilidade foi retirada deste trabalho, em face de esta não ocorrer na região do sujeito sob análise, utilizando-se em seu lugar a produção da fricativa velar [x/F]; (ii) assim como em muitas regiões do Brasil, inclusive na região em que se deu este estudo, o sistema padrão dos fones contrastivos consonantais não apresenta a líquida lateral, [l], no FSDP e no FSFP, pois, nessas posições, há a sua labialização, aplicando-se a seguinte regra (YAVAS et al., 2001):

	Exs.: FORMA ESCRITA	TRANSCR. FONÉTICA
l → w / \$	alto	['aw,ɫo]
#	sol	['sɔw]

3 Análise global dos resultados

Se considerarmos os movimentos envolvidos na produção dos segmentos fônicos, em termos do número de articuladores envolvidos e da própria composição dos gestos articulatórios, podemos afirmar que há, sim, segmentos que demandam maior esforço articulatório do que outros. Assim, por exemplo, há maior esforço articulatório para se produzirem segmentos vozeados do que as suas contrapartes desvozeadas, já que, nos primeiros, além de se acionarem, no nível supralaríngeal, os articuladores envolvidos, se necessita também acionar a fonte glotal para se produzir a vibração das pregas vocais e, conseqüentemente, o traço do vozeamento.

Do mesmo modo, os segmentos vocálicos, em geral, demandam menor esforço articulatório do que aqueles de natureza consonantal, devido ao fato de os segmentos vocálicos não necessitarem da geração de gestos articulatórios que promovam um bloqueio em algum lugar do trato oral.

É com base em raciocínios como estes que Roman Jakobson estabeleceu algumas tendências que denotam uma hierarquia de dificuldades na aquisição dos segmentos fônicos pela criança. Nessa hierarquia, ocorrem em primeiro lugar no processo de aquisição os segmentos que demandam menor esforço articulatório e uma maior facilidade de percepção de seus traços por parte da criança. Assim, além dos sons bilabiais, como aqueles presentes em 'mamãe' e 'papa', estão também os segmentos oclusivos desvozeados e que tenham um ponto de articulação mais 'visível', como é o caso do [t], que, devido a sua facilidade de percepção e produção, por vezes assume o papel de curinga nas produções iniciais de crianças e também na produção

de sujeitos afásicos com graves dificuldades articulatórias.²

A fim de embasarmos nossa análise de dados no que tange a essa hierarquia, apresentamos a seguir uma síntese da proposta de Jakobson, conforme Matzenauer (2008):

Tendências gerais no processo de aquisição da linguagem segundo Jakobson (1968):

- Plosivas e nasais tendem a emergir antes de fricativas e líquidas;
- Consoantes com ponto de articulação [+anterior] tendem a emergir antes de consoantes com ponto de articulação [-anterior];
- Obstruintes desvozeadas tendem a emergir antes de obstruintes vozeadas. (cf. MATZENAUER, 2008)

Com base nessa tendência, que tem como direção, dos segmentos não-marcados para os marcados, isto é, daqueles que ocorrem com maior frequência nos inventários fonológicos das línguas àqueles que ocorrem com menor frequência, Matzenauer apresenta também fatos de aquisição do PB já comprovados:

- na classe das fricativas, os segmentos com o traço [+voz] tendem a emergir em etapas subsequentes àquelas com o traço [-voz];
- na classe das líquidas laterais, a palatal emerge em etapa subsequente à líquida com o traço [+anterior]. (cf. MATZENAUER, 2008)

Dadas essas tendências, tem-se que, no PB, os segmentos que emergem primeiro são [p], [m], [t], [s], [n] e [l]. Os últimos são: [ʃ], [ʒ], [ʎ] e [r], nesta ordem, isto é, o tepe é o último segmento nessa hierarquia de aquisição, antecedido pela lateral palatal e pelas fricativas palatais, vozeada e desvozeada.

Após a análise qualitativa dos dados, pudemos perceber que, em termos da sua realização fonética, o sujeito G já possui o quadro completo dos segmentos (fones) do PB, pois todos os sons que compõem a última etapa da aquisição foram encontrados no *corpus*. No entanto, o uso que o sujeito faz desses segmentos é que parece estar aquém do esperado para sua idade.

Analisando em termos globais a produção do sujeito, podemos dizer que G apresenta uma variabilidade em termos das 'trocas' de segmentos que realiza, no que tange ao ponto de articulação, oscilando entre a posteriorização de segmentos e a anteriorização. Assim, por vezes, o sujeito altera a configuração fônica da palavra transformando [z] em [ʒ], por exemplo, mas também faz

² A esse respeito, sugerimos a leitura da tese de doutoramento em Linguística de FREITAS, M. S. *Alterações fonoarticulatórias nas afasias motoras: contribuições para uma caracterização linguística das afasias*. IEL/UNICAMP, 1997.

o movimento contrário. É o caso das palavras ‘blusa’, em que ele produz a palatal em lugar da alveolar, e da palavra ‘relógio’, que o sujeito produz com a alveolar [z] em lugar da palatal [ʒ]. O mesmo ocorre com as mudanças de [s] para [ʃ]. Em ‘pescoço’, o sujeito produz a palatal em lugar da alveolar no início da última sílaba, assim como em ‘sabonete’, quando substitui a fricativa alveolar pela palatal. Já em palavras como ‘chinelo’, ‘chave’ e ‘chão’, ele substitui a palatal pela alveolar.

No que tange ao traço do vozeamento, o sujeito G tende a preferir os sons desvozeados aos vozeados, como atestam palavras como ‘janela’, quando produz a palatal vozeada como alveolar desvozeada, ou na palavra ‘disco’, em que ele troca a africada [dʒ] por [tʃ] ou ainda como ocorre na palavra ‘vidro’, em que G troca o encontro consonantal ‘dr’ pela africada desvozeada. Essa é uma tendência encontrada na fala de G, que vai ao encontro da ideia de simplificação da articulação, isto é, da lei do menor esforço, o que não quer dizer que ele não consiga articular os sons vozeados. Apenas, quando a língua lhe oferece uma contraparte desvozeada para o segmento desejado, ele lança mão dela em detrimento do som vozeado.

No que tange ainda à tendência à facilitação da articulação, o sujeito G apresenta muitos casos em que ele elimina um som de ataque de sílaba em início de palavra. São exemplos desse recurso utilizado por G as seguintes palavras: ‘roupa’, ‘rádio’, ‘terra’. São também exemplos de processos de simplificação as trocas de [r] por [y] e [dʒ] por [t], como em ‘dinheiro’, e de [ʎ] por [l], como na palavra ‘palhaço’.

Como é sabido, em termos de facilidade de articulação e, portanto, de maior ocorrência nas línguas existentes, a sílaba menos marcada é aquela constituída pelo padrão CV. No PB, esta constitui a estrutura mais comum na língua. A tendência à busca do padrão é algo evidente em casos de afasia, como atestam trabalhos como os de FREITAS (op. cit.). Também na aquisição da linguagem a busca do padrão CV é evidenciada, pois, no início da aquisição, transformam-se sílabas travadas em sílabas abertas e evitam-se também as sílabas com ataque ramificado, isto é, em que haja duas consoantes no ataque da sílaba. A tendência então é de convergir para o padrão CV. Nesse sentido, o sujeito G não surpreende. Ele apresenta uma grande propensão a convergir para o padrão CV. É o que ocorre com as seguintes palavras: ‘planta’, ‘flor’, ‘globo’, ‘cruz’, ‘sombriinha’, ‘brinquedo’, em que o sujeito transforma sílabas CCV em CV, e em casos como ‘calça’, ‘porta’ e ‘vermelho’, em que o sujeito transforma sílabas CVC em CV.

Quanto às vogais produzidas pelo sujeito, nossa análise não detectou problemas, exceto quando se trata de vogais com nasalidade. Há momentos em que o sujeito

não produz a ressonância nasal própria das vogais nasais, como ocorre com a vogal inicial da palavra ‘antena’, que ele substitui por [e] sem nasalidade, e com a vogal inicial da palavra ‘brinquedo’.

4 Conclusão

As análises aqui apresentadas indicam que o sujeito G possui um quadro fonético completo, mas com muita instabilidade em seu uso. Além da tendência a simplificar segmentos e sílabas, buscando o padrão de menor esforço articulatório, a criança apresenta preferências que, por vezes, a classificariam como alguém que não atingiu ainda o estágio adequado de aquisição, de acordo com a literatura consultada. No entanto, também de acordo com nossa literatura de base, não se pode afirmar que o sujeito não tenha adquirido todos os sons do PB, pois ele produz todos os segmentos que compõem o inventário de sons dessa língua.

Da mesma forma, não se pode afirmar que ele apresente qualquer processo fonológico que vá de encontro àqueles considerados ‘normais’ no sentido da direção das mudanças implementadas, isto é, o sujeito G faz muitas ‘trocas’ de segmentos, mas não faz trocas absurdas do ponto de vista articulatório, apresentando, em cada contexto, sons foneticamente semelhantes, o que evidencia que este tem consciência das classes de sons e de suas características comuns. Em termos de raciocínio fonológico, o sujeito parece ainda não perceber que os sons foneticamente semelhantes nem sempre são alofones de um mesmo fonema, isto é, que nem sempre se pode trocar um pelo outro apenas para facilitar a articulação sem correr o risco de mudar o sentido da palavra ou de causar alguma perturbação na sua compreensão. Nesse sentido, pode-se dizer que a consciência fonológica do sujeito ainda tem que ser amadurecida a fim de que ele possa tomar suas decisões articulatórias de forma consciente.

As trocas produzidas pelo sujeito no nível segmental fazem com que sua fala se torne um tanto inusitada para a sua idade. No entanto, não se pode afirmar que ele tenha problemas no nível articulatório da linguagem. Em termos de hipóteses explicativas, poder-se-ia verificar em trabalhos posteriores se há a possibilidade de se relacionar a produção de G com o que se chama na literatura neuropsicológica de ‘apraxia de desenvolvimento’³, em que a variabilidade no uso dos segmentos fônicos é uma de suas características definidoras.

A proposta de análise contrastiva aqui utilizada tem uma metodologia que envolve o ‘alvo’, isto é, o modelo,

³ A respeito dessa síndrome, ver tese de doutoramento de Bernadette Von Atzingen Santos Cardoso: “Apraxia de desenvolvimento: um estudo prosódico da fala de criança de 10 anos” (2003).

em que os segmentos da língua são empregados nos contextos desejados. Assim, o que se avalia é o nível de organização do sistema fônico da criança, em termos da sua funcionalidade. Então, diz-se que um segmento ainda não foi adquirido pelo sujeito quando, embora ele disponha da realização fonética do referido segmento, não tem ainda uma estabilidade no seu uso, isto é, no emprego desse segmento nos contextos adequados/desejados (alvos).

Como se viu, o que chama a atenção na fala de G não é o fato de ele não produzir sistematicamente determinados fones, por exemplo, mas a variabilidade no emprego que dá ao inventário de sons de que dispõe. Por ora, pode-se então afirmar que a análise empreendida até o momento aponta para um quadro fonético completo, necessitando de um trabalho mais efetivo envolvendo a consciência fonológica do sujeito para que ele possa empregar os sons adquiridos nos contextos adequados, realizando assim os aspectos funcionais (simbólicos, distintivos) do sistema fônico da língua.

Quanto a esse desenvolvimento da consciência fonológica, é possível que o avanço no processo de aquisição da escrita acarretará uma maior consciência segmental e silábica por parte do sujeito, o que repercutirá positivamente em sua fala. Afinal, como já visto na revisão de literatura da área, parece haver consenso quanto à dupla direção em que está envolvida a chamada 'consciência fonológica', reconhecendo-se uma circularidade, em que quanto mais se amadurece a consciência fonológica, mais se evolui na aquisição da escrita e, quanto mais se evolui na aquisição da escrita, mais se desenvolve a consciência fonológica.

Este trabalho também permite concluir o quanto importante é o conhecimento linguístico envolvendo a aquisição da linguagem normal por parte do professor alfabetizador, a fim de poder avaliar as alterações de fala dos aprendizes, já que uma das tarefas desse profissional é a de ajudar o aprendiz a sistematizar as complexas relações entre letras e sons. O caso de G mostra que se faz necessária, também, uma orientação aos profissionais da sua escola que lidam diretamente com ele, a saber, a professora e a coordenadora pedagógica. Isso, porque, de posse de uma análise desta profundidade, tais profissionais poderão trabalhar com o foco na consciência fonológica do sujeito, para que este possa avançar, principalmente, nos níveis de hipóteses da escrita. Ademais, a escola também poderá conscientizar a família da necessidade de se procurar a ajuda de profissionais especializados. Ressalta-se que está sendo realizada uma coleta longitudinal dos dados de escrita do sujeito G, há um ano, e já se pode perceber que a criança, ainda, continua na mesma hipótese de escrita, pré-silábica, em que utiliza várias letras, aleatoriamente, para escrever quaisquer palavras. O presente trabalho

fornece então subsídios para os profissionais da educação, bem como para os alunos de graduação em licenciatura e, especialmente, os profissionais que acompanham o processo de alfabetização não apenas de G, mas de outros sujeitos que apresentam alterações na fala.

Referências

- ADAMS, Marilyn Jager; FOORMAN, Barbara R.; LUNDBERG, Ingvar; BEELER, Terri. *Consciência fonológica em crianças pequenas*. Trad. Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- BARBOSA, José Juvêncio. *Alfabetização e leitura*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1994.
- CARDOSO, Bernadette von Atzingen Santos. *Apraxia de desenvolvimento: um estudo prosódico da fala de criança de 10 anos*. Tese (Doutorado em Linguística) – FALE/UFMG, 2003.
- COMPTON, Arthur J. Generative studies of children's phonological disorders. In *Journal of speech and hearing disorders*, v. 35, p. 315-339, 1970.
- FERRANTE, Carla. *Aquisição fonológica em crianças de 3 a 8 anos de classe sócio econômica alta*. Dissertação (Mestrado em Fonoaudiologia) – Universidade Veiga de Almeida, Rio de Janeiro, 2007.
- FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985. 284 p.
- FREITAS, Margareth de Souza. *Alterações fono-articulatórias nas afasias motoras: um estudo linguístico*. Tese (Doutorado em Linguística) – IEL, UNICAMP, 1997. 242 p.
- GRUNWELL, Pamela. Os desvios fonológicos evolutivos numa perspectivalinguística. In: YAVAS, Mehmet (Org). *Desvios fonológicos em crianças: teoria, pesquisa e tratamento*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.
- GRUNWELL, Pamela. Developmental phonology disability: order in disorder. In: HODSON, Barbara W.; EDWARDS, Mary Louise. *Perspectives in applied phonology*. Gaithersburg Maryland: Aspen Publishers, 1997.
- HERNANDORENA, Carmen Lúcia Barreto. *Segmentos consonantais na aquisição da fonologia e em tipologias de línguas*. Santa Maria-RS, 2008. Disponível em: <http://w3.ufsm.br/revistaletas/artigos_r36/artigo3.pdf>.
- HODSON, Barbara; PADEN, E. *Targeting intelligible speech: a phonological approach to remediation*. Texas: Pro-Ed., 1983.
- JAKOBSON, Roman. *Child language, aphasia and phonological universals*. Paris: The Hague, 1968.
- LAMPRECHT, Regina Ritter et al. *Aquisição fonológica do português: perfil de desenvolvimento e subsídios para terapia*. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- LEONARD, Laurence B. Deficiência fonológica. In: FLETCHER, Paul; MACWHINNEY, Brian. *Compêndio da linguagem da criança*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- LOCKE, John L. Desenvolvimento da capacidade para a linguagem falada. In: FLETCHER, Paul; MACWHINNEY, Brian. *Compêndio da linguagem da criança*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MATZENAUER, Carmem Lúcia Barreto. A generalização em desvios fonológicos: o caminho pela recorrência de traços. In: *Letras de Hoje*, v. 43, n. 3, p. 27-34, jul./set. 2008.

MORAIS, Arthur Gomes de. *Concepções e metodologias de alfabetização: por que é preciso ir além da discussão sobre velhos métodos?* Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/alf_moarisconcpmetodalf.pdf>.

MOTA, Helena Bolli. *Terapia Fonoaudiológica para os desvios fonológicos*. Rio de Janeiro: Revinter, 2001.

OLLER, D. Kimbrough. Regularities in abnormal child phonology. In: *Journal of Speech and Hearing Disorders*, v. 38, p. 36-47, fev. 1973.

REGO, Lúcia Lins Browne. *Alfabetização e letramento: refletindo sobre as atuais controvérsias*. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/alfbsem.pdf>>. Acesso em: 14 maio 2011.

SANTANA, Ana Paula et al. O articulatório e o fonológico na clínica da linguagem: da teoria à prática. In: *Revista CEFAC*,

v. 12, n. 2, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rcefac/v12n2/68-09.pdf>>.

SPÍNDOLA, Rafaela de Almeida et al. Abordagem fonoaudiológica em desvios fonológicos fundamentada na hierarquia dos traços distintivos e na consciência fonológica. In: *Revista CEFAC*, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 180-189, abr./jun. 2007.

STAMPE, David. *A dissertation on natural phonology*. Tese (Doutorado) – University of Chicago, Chicago, 1973.

YAVAS, Mehmet; HERNANDORENA, Carmem Lúcia Matzinger; LAMPRECHT, Regina Ritter. *Avaliação fonológica da criança*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

Recebido: 31 de agosto de 2011

Aprovado: 12 de novembro de 2011

Contato: alinerpm@yahoo.com.br;

adelmaa@yahoo.com.br;

margarethfreitas@yahoo.com.br